

## Artigos de revisão

# Ela calça chuteira e ele dança ballet: Os olhares críticos do esporte sobre a dança das identidades

**She wear football boots and he dances ballet: The critical views of sport on the dance of identities**

**Ella calza botas y el baila ballet: Críticas del deporte sobre la danza de las identidades**



**Célio Rosa Peres**

Universidade Federal de Uberlândia(UFU). Uberlândia. Minas Gerais. (MG) Brasil.  
(MG) BRASIL.  
celiorosaperes@yahoo.com.br



**Vagner Matias Do Prado**

Universidade Federal de Uberlândia(UFU). Uberlândia. Minas Gerais. (MG) Brasil.  
Vagner.prado@ufu.br

**Resumo:** Objetivou-se com esse estudo problematizar as diferentes identidades de gênero que fogem do padrão heteronormativo e transitam pelo esporte. Por meio de uma revisão integrativa de literatura realizada nas seguintes bases de dados: Periódicos da Capes e Google Acadêmico. Foram analisadas obras sobre gênero, publicados na literatura em idioma português, em um recorte temporal de 2018 a 2021, obtidos por meio do cruzamento das seguintes palavras-chave: identidade de gênero, esporte e dança. O estudo evidenciou que as fronteiras que delimitam as masculinidades e feminilidades estão aos poucos se desmontando. Mostrou que existem corpos transgressores que rompem barreiras contra preconceitos e discursos, baseados no paradigma patriarcal (reduto dos homens).

**Palavras-chave:** Identidade de gênero. Práticas corporais. Preconceito de gênero.

**Abstract:** Given this reality, the aim of this study was to problematize the different gender identities that escape the heteronormative pattern and transit through sport. Through an integrative literature review, The survey was carried out in the following databases: Capes Periodicals and Academic Google. Articles published in the Portuguese language were analyzed in a time frame from 2018 to 2021, obtained by crossing keywords: gender identity, sport and dance. The study showed that the boundaries that delimit masculinities and femininities are gradually crumbling. It showed that there are transgressive bodies that break barriers against prejudices and discourses based on the patriarchal paradigm (men's stronghold).

**Keywords:** Gender Identity. Body practices. Sexism.

**Resumen:** El objetivo de este estudio fue problematizar las distintas identidades de género que se apartan del patrón heteronormativo y transitan por el deporte. A través de una revisión integrativa de la literatura realizada en las siguientes bases de datos: Periódicos de la Capes y Google Scholar. Se analizaron artículos sobre género, publicados en la literatura en portugués, en un marco temporal de 2018 a 2021, obtenidos mediante el cruce de las siguientes palabras clave: identidad de género, deporte y danza. El estudio mostró que los límites que delimitan las masculinidades y las feminidades se están desmantelando gradualmente. Demostró que existen cuerpos transgresores que rompen barreras contra prejuicios y discursos, basados en el paradigma patriarcal (baluarte de los hombres).

**Palabras clave:** Identidad de Género. Pratiques corporelles. Sexismo.

Submetido em: 2022-11-28

Aceito em: 2023-02-28

## Introdução

No momento em que o mundo começa a sair de uma pandemia e que as pessoas retomam suas atividades e vida social com contato presencial/físico, torna-se urgente problematizar igualdade de gênero e os papéis desempenhados pelo masculino e feminino em todos os setores da sociedade, uma vez que esta, muitas vezes, encontra-se adormecida para as questões de respeito e dignidade dos então considerados diferentes. O tema é emergente, polêmico e chega de forma acelerada a todas as instâncias e também ao esporte. Nele discute-se a pluralidade dos papéis apropriados para as diferentes identidades de gênero e o enquadramento de meninos e meninas, dentro de ações e comportamentos esperados para uns e outros, ditados pela cultura (BOURDIEU, 2016).

Quando se mergulha de volta na história é que se entende que a construção do ideal de competência dos atributos masculinos e femininos foram estabelecidos e formalizados de geração para geração. Nesse contexto, o ideal construído para os homens é a competição, a autonomia, a bravura e a coragem; para as mulheres, a emoção, a delicadeza, a graciosidade e a afetuosidade (AMORIM, 1997).

No propósito dessas construções culturais, percebe-se que é na família e na escola que os sujeitos desenvolvem as primeiras subjetividades, as interações com os(as) outros(as) socialmente, dentre elas, a troca de afetos e as preliminares noções de cidadania. Pessoa nenhuma nasce detestando o(a) outro(a) num olhar sobre a cor de sua pele, discriminando-a pela religião que esta professa, pelo local onde nasceu, pelo(a) parceiro(a) que escolheu para viver junto ou pelo líder político que escolheu para representá-lo(a). Amar e odiar são comportamentos aprendidos na família e na escola.

No esporte não é diferente, segundo Devide *et al.* (2011), é unânime na esfera dos estudos científicos que abordam as questões de gênero que o esporte é um território de reserva dos homens. E quando as mulheres adentram nesse espaço, começam a

ser questionadas no que se concerne à sua identidade de gênero e sexualidade. Além de serem estigmatizadas e estereotipadas, sofrem com o chavão da masculinização (DEVIDE *et al.*, 2011). Se não bastasse isso, dentro desse território masculino, os sujeitos que fogem aos padrões heteronormativos são tachados de incapazes e estigmatizados como inaptos, frágeis e afeminados aos olhos dos/das outros/as atletas. Muitas vezes, quando um(a) atleta se declara perante seus pares como *gay*, revelando sua sexualidade, sofre discriminação, preconceito e é empurrado para o ostracionismo (SILVEIRA, 2008).

Em relação a esses corpos, que são dissonantes, a crescente exteriorização da homossexualidade nos espaços do esporte tem trazido incômodo à sociedade. A invasão de terras demarcadas pelos cercadinhos da heteronormatividade coloca em xeque e provoca inquietações num sistema arcaico e de controle (SEDGWICK, 2007).

Esse cenário de discriminação de atitudes desrespeitosas, do silêncio daqueles(as) que sofrem com essa dura realidade no esporte e o seu reflexo na prática profissional, levou o autor do presente trabalho a realizar sua dissertação sobre a temática ora discutida.

Após concluir a dissertação de mestrado, intitulada “Apontamentos de estudantes de Educação Física sobre gênero e prática profissional”, e enveredar nos estudos sobre gênero, houve um grande interesse sobre as problematizações e as transições das masculinidades e feminilidades no ambiente do esporte e, além disso, estudar as motivações que originam as resistências dos homens e mulheres de não se enquadrarem em identidades não binárias e diferentes em ambientes e territórios do mundo esportivo.

O estudo justifica-se e torna-se relevante por alguns aspectos; dentre eles, segundo alguns autores (DEVIDE *et al.*, 2011; GOELLNER, 2001; PEREIRA, 2009), a indicação da escassez de estudos pertinentes a essa temática. Outro aspecto é que se vive em uma sociedade intolerante, preconceituosa e homofóbica contra identidades e categorias nomeadas como diferentes. O esporte não foge a essa norma, sendo que o debate sobre as desigualda-

des de oportunidades, do lugar e o não lugar dos gêneros fora do padrão binário é assunto proibido, silenciado e pouco explorado. Mascara-se o tema de forma silenciosa e cerceia-se a discussão sobre a entrada dos(as) negros(as) e da comunidade LGBTQIAP+ no esporte. A ordem social coloca uma mordaza nos(as) que reivindicam seus direitos de adentrarem a práticas corporais e esportes só permitidos para determinado gênero, dificultando a quebra de tabus de hierarquia sexual.

Diante desse contexto, o objetivo geral do presente estudo é problematizar as diferentes identidades de gênero que fogem do padrão heteronormativo e transitam pelo esporte. Os objetivos específicos são: analisar e discutir os entraves para participação dos corpos denominados fora do padrão heteronormativo nas atividades esportivas; compreender como esses(as) esportistas excluídos enfrentam as barreiras da discriminação que impedem a sua inserção social no esporte; apontar as possibilidades de escapes dos corpos das normas heteronormativas; levantar na literatura os estudos existentes que analisam o trânsito das identidades no mundo do esporte.

## Metodologia

O presente artigo é uma revisão integrativa da literatura, com análise qualitativa do conteúdo das obras investigadas. Para Bento (2012), essa referida metodologia disponibiliza perspectivas aos pesquisadores para se fazer um diagnóstico do universo do conhecimento, disponibilizado nas pesquisas sobre diferentes temas e as discussões formalizadas para futuras consultas.

Na primeira busca na base de dados Periódicos Capes, ao se cruzar as três palavras propostas, a saber, “identidade de gênero”, “dança” e “esporte”, não foi recuperada nenhuma obra. Diante desse achado, foram cruzadas a palavra “identidade de gênero” com as outras duas separadamente. Ao cruzar “identidade de gênero” e “esporte”, foram encontradas 35 obras e do cruzamento entre “identidade de gênero” e “dança”, 31 obras, sendo que apenas cinco delas foram selecionadas.

Numa segunda busca realizou-se uma procura na base de dados do Google Acadêmico, sendo que ao se cruzar as três palavras (“identidade de gênero”, “dança” e “esporte”), foram encontrados 834 resultados. Entretanto, ao ler os títulos e resumos das duas bases de dados em questão, foram selecionadas apenas duas obras que atendiam aos objetivos da pesquisa.

Na base de dados Scielo, ao se cruzar as três palavras propostas, não foi encontrada nenhuma obra. Ao se cruzar “identidade de gênero” e “dança”, foi recuperada apenas uma obra (WENETZ; MACEDO, 2019) que já havia sido encontrada na base de Periódicos Capes. Do cruzamento das palavras “identidade de gênero” e “esporte”, foram encontrados quatro artigos, todavia, ao proceder a leitura do título e do resumo, todos foram descartados, pois não atendiam aos objetivos deste estudo.

Também foi realizada uma leitura de diversas obras, que incluem livros, artigos e dissertações que versavam sobre o objeto de estudo. Tais obras serviram para análise da narrativa da problemática sendo que, inicialmente, discute-se como acontece a naturalização da discriminação de gênero nos ambientes dos esportes. Em vista disso, num segundo momento da discussão, apresentam-se as possibilidades da conquista de uma identidade plural de gênero no esporte e na dança.

## Resultados: panorama das pesquisas que falam sobre corpos que flutuam, transitam e atravessam as identidades binárias no esporte

Nesta seção foi organizado um levantamento de obras acadêmicas imbricadas e relevantes à esta investigação. O principal mote do levantamento foi apresentar e enunciar, através de buscas em endereços eletrônicos, pesquisas em formato de artigos e capítulo de livro elaborados sobre o tema gênero e os diferentes papéis no esporte, das identidades de meninos e meninas.

O quantitativo de obras recuperadas na base de dados Periódicos Capes é apresentado no quadro a seguir.

### Quadro 1 – Quantitativo de trabalhos encontrados na Base Periódicos da Capes

PALAVRAS-CHAVES	QUANTITATIVOS DE TRABALHOS
Identidade de Gênero, esporte, dança	05

Fonte: Autoria própria, outubro 2021.

Na sequência, são apresentadas as obras encontradas:

### Quadro 2 – Resultados das buscas nos Periódicos da Capes

ANO	TIPO	TÍTULO	AUTOR(A)	REVISTA	LOCAL
2018	Artigo	Diferença e igualdade nas relações de gênero no esporte	Fábio Soares da Costa, Andreia Mendes dos Santos	Revista <i>Holos</i>	Rio Grande do Norte
2018	Artigo	O armário da sexualidade no mundo esportivo	Wagner Xavier de Camargo	Revista Estudos Feministas, Florianópolis	Santa Catarina
2019	Artigo	Masculinidade(s) no balé: gênero e sexualidade na infância	Ileana Wenez, Christiane Garcia Macedo	Movimento, Revista de Educação física da UFRGS	Rio Grande do Sul
2020	Artigo	Futebol de mulheres, liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem	Julia Gravena Passero, Júlia Barreira, Lucas Tamashiro, Alcides José Scaglia, Larissa Rafaela Galatti	Movimento, Revista de Educação física da UFRGS	Rio Grande do Sul
2021	Artigo	Da masculinidade hegemônica à masculinidade queer/cuir/kuir: disputas no esporte	Leandro Teófilo de Brito	Revista Estudos Feministas, Florianópolis	Santa Catarina

Fonte: Autoria própria, outubro 2021.

O quantitativo de obras do Google Acadêmico está descrito no Quadro 3.

### Quadro 3 – Quantitativo de trabalhos encontrados na Base de dados Google Acadêmico

PALAVRAS-CHAVES	QUANTITATIVOS DE TRABALHOS
Identidade de Gênero, esporte, dança	02

Fonte: Autoria própria, outubro 2021.

O Quadro 4 apresenta as referidas obras.

### Quadro 4 – Resultados das buscas no Google Acadêmico

ANO	TIPO	TÍTULO	AUTOR(A)	REVISTA / LIVRO	LOCAL
2021	Capítulo de livro	Os estudantes homoafetivos e suas relações de não aceitação nas aulas de Educação Física: uma revisão narrativa	Eliaquim de Sousa Lima, Kaline Lígia Estevam de Carvalho Pessoa	Educação Física e Esportes: pesquisa e práticas contemporâneas	São Paulo
2019	Artigo	Futebol e homofobia: as percepções de um grupo de graduandos em Educação Física	William Charles Osório Gomes, Luiza Aguiar dos Anjos, Silvana Vilodre Goellner	Revista Arquivos em Movimento. UFRJ	Rio de Janeiro

Fonte: Autoria própria, outubro 2021.

Em relação à base Scielo, não foram feitas colocações uma vez que o único artigo selecionado já foi descrito nos Quadros 1 e 2.

Sequencialmente, exibe-se um breve resumo das obras encontradas, seus objetivos e a relevância dos resultados obtidos.

A pesquisa “Diferença e igualdade nas relações de gênero no esporte”, de Fábio Soares da Costa e Andreia Mendes dos Santos (2018), fundamenta-se nos conceitos sobre gênero de Joan Wallach Scott, problematizando-as no espaço esportivo e no contexto social. Discute possibilidades e necessidades de libertação das amarras e do cárcere do binarismo da sexualidade.

Em “O armário da sexualidade no mundo esportivo”, de Wagner Xavier de Camargo (2018), o autor tensiona a sexualidade de esportistas (LGBTQIAP+) e as questões da homossexualidade, colocando em xeque um sistema arcaico e de controle, sob a égide do armário. Destaca o autor que a problemática da sexualidade no esporte, em um mundo heteronormativo, ainda há um longo caminho a seguir numa sociedade de controle e adestramento. É preciso que os/as atletas criem brechas, quebrem cadeados e apresentem suas pluralidades sexuais.

O artigo “Masculinidade(s) no balé: gênero e sexualidade na infância”, de Ileana Wenez e Christiane Garcia Macedo (2019), explora as relações de meninos atuando na dança (Balé e Hip Hop), debatendo as questões da dança e também da masculinidade. Apresentou como resultado reflexões sobre as possibilidades de escapes das normas heteronormativas para aumentar alternativas de fomentar um pensamento de acesso às experiências corporais de gênero e sexualidade.

O trabalho intitulado “Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem”, de Julia Gravena Passero, Júlia Barreira, Lucas Tamashiro, Alcides José Scaglia e Larissa Rafaela Galatti (2020), analisa a atuação de mulheres participando como treinadoras, na arbitragem e na comissão técnica, no campeonato feminino de futebol no Brasil. Apresentou-se como resultado que, apesar de alguns avanços, a participação feminina ainda é incipiente em relação à participação masculina. Segundo os(as) autores(as), o quadro ainda é de desigualdade.

O artigo “Da masculinidade hegemônica à masculinidade queer/cuir/kuir: disputas no esporte”, de Leandro Teófilo de Brito (2021), problematiza a questão da masculinidade no esporte brasileiro sob a perspectiva pós-estruturalista de Jacques Derrida e Judith Butler. Questiona as rupturas e os deslocamentos de homens atletas que se reconhecem como dissidentes dos heterossexuais, tensionando o regime de controle cis-heteronormativo dos corpos nas práticas esportivas.

O capítulo de livro “Os estudantes homoafetivos e suas relações de não aceitação nas aulas de Educação Física”, de Eliaquim de Sousa Lima e Kaline Lígia Estevam de Carvalho Pessoa (2021), discute os aspectos da aceitação de estudantes homoafetivos nos espaços das aulas de Educação Física. Os resultados encontrados confirmam que historicamente a Educação Física tenta regular, controlar ou indicar curas para alunos(as) homossexuais. Concluem os autores que na Educação Física os(as) alunos(as) homossexuais não são respeitados, não encontram pertencimento, nem têm suas identidades reconhecidas.

O artigo “Futebol e homofobia: as percepções de um grupo de graduandos em Educação Física”, de Charles Osório Gomes, Luiza Aguiar dos Anjos e Silvana Vilodre Goellner (2019), traz considerações de graduandos em Educação Física, provocando uma reflexão sobre a homofobia e a inviabilização dos homossexuais no ambiente futebolístico.

Após uma análise minuciosa das obras que discutem as questões gênero no esporte e na dança, percebe-se que os resultados ainda merecem estudos mais aprofundados. Fala-se pouco sobre as performatizações de meninos e meninas que rompem com os modelos heteronormativos arraigados nas práticas corporais da dança e do esporte, para atuarem nesses diferentes espaços.

Do quantitativo de sete obras analisadas, ao se confrontar os trabalhos com o objeto de estudo, que é problematizar as diferentes identidades de gênero que rompem com o modelo heteronormativo no esporte e na dança, notou-se que as obras tratam a temática de maneira superficial.

Destaca-se que os artigos de Leandro Teófilo de Brito (2021), de Ileana Wenez e Christiane Garcia Macedo (2019), bem como o de Fábio Soares da Costa e Andreia Mendes dos Santos (2018) foram os que mais se aproximaram e conversaram com o nosso objeto de estudo. Discutem como acontecem as exclusões, preconceitos, enquadramentos e discriminações com os corpos tidos como desviantes que não se adequam e atravessam territórios e

padrões androcentristas do esporte. Esse debate hoje se torna imprescindível para a conquista de uma pedagogia alicerçada na liberdade e na emancipação.

## Discussão

### Os cadeados heteronormativos de gênero nas atividades esportivas

Os padrões e pedagogias arraigadas no meio escolar, reguladas por mecanismos heteronormatizadores e excludentes, os modelos de comportamento e as práticas corporais de meninos e meninas que fogem dessas atribuições e ditadura normativa de gênero tornam exemplos a não serem seguidos e são considerados anormais (LOURO, 2010).

Segundo Preciado (2013), pode-se perceber essa discriminação em diferentes espaços e em discursos de políticas de sexo e vigilância, coerção e perseguição. Ameaças e castigos configurados através de imposição de silêncio e de gestos delimitam territórios minados e intransitáveis até com promessa de morte aos dissidentes.

O instrumento que fundamenta a coerção e a abjeção denomina-se heteronormatividade, que remete a se pensar nos arranjos culturais que demandam que todos construam suas vidas de acordo com o padrão heterossexual, fazendo com que a heterossexualidade não se torne apenas uma diretriz sexual, mas uma bússola política para nortear todas as vidas dos cidadãos(as) que são constrangidos e sofrem todos os tipos de violência, sejam elas físicas ou tácitas, apontadas contra aqueles(as) que quebram as correntes normativas de gênero (COLLING; NOGUEIRA, 2015; MISKOLCI, 2013).

Segundo Camargo (2018), ainda são raros e dissidentes no ambiente do desporto profissional os anúncios e declaração das sexualidades não heterossexuais e, conseqüentemente, inco-

muns a exposição dos motivos que movem os sujeitos a tomarem essas decisões. Fatos esses que, às vezes, acontecem somente com a aposentadoria.

Em contramão a essas dissidências, o balé para os meninos representa uma prática corporal que parece contrariar tais normas, principalmente no mundo ocidental. Em países como a Rússia existe um enaltecimento e valorização do homem bailarino, onde ele recebe todas as honras, inclusive a de sinônimo de virilidade. Conforme essa lógica, acredita-se que, no contexto brasileiro, os aspectos culturais e do censo comunitário sejam um dos principais aspectos que motivam o afastamento dos homens da dança ou de outras atividades que parecem minar sua masculinidade, estigmatizando-os e atrelando suas práticas corporais à homossexualidade (SOUZA, 2007).

Para Butler (2000), quando as diferenças de sexo estão em jogo no esporte, os corpos não se conformam com os processos regulatórios e coercitivos que são impostos pelo determinismo da biologia.

Nessa esteira de enfrentamento aos preconceitos de gênero no esporte, as meninas também começam a sair da sombra e a quebrar as barreiras que as impediam de calçar chuteiras e também de jogar futebol. Parece que a partir da década de 1980, o trânsito de meninas para além da binaridade na esfera futebolista não representa mais práticas subversivas ou ações censuradas num mundo específico dos homens. Os torneios e os campeonatos ganharam visibilidade e reconhecimento de toda a mídia nacional. Mas vale ressaltar que apesar de os avanços da participação das mulheres no futebol, a cultura ainda teima em correlacionar a prática futebol à masculinização das mulheres e a naturalização de que o futebol é para homens, para se reforçar um discurso das crenças sociais e de controle.

Essas crenças significam pisar num campo minado de ambiguidades, com o futebol representando um território de transgressão pela participação feminina. A despeito disso, a teoria pós-estruturalista coloca uma lupa sobre essas questões de gê-

nero, rompendo com os preconceitos da performatividade e das regras fabricadas, que elegem apenas uma forma de ser da masculinidade e da feminilidade (BUTLER, 2004, 2015).

Nessa onda de viver as masculinidades e feminilidades de forma diferente e única, talvez um dos casos emblemáticos dos corpos que atravessam as lógicas da naturalização seja o da desportista Tiffany de Abreu, jogadora transexual, que conquistou o direito de participar da Superliga Nacional Feminina de Voleibol no Brasil (GARCIA; PEREIRA, 2018, 2019).

Entende-se que Tiffany represente um marco, na esperança de os corpos resistentes e plurais que teimam e avançam em sentido contrário às intimidações no esporte e da luta pelo empoderamento dos/das atletas na subjugação dos estereótipos de gênero. Tiffany usa o seu lugar de fala e coloca-se como um ícone na defesa da inclusão e da representação política de pessoas trans e da comunidade LGBTTIAP+ nas reivindicações e na luta contra um exército de preconceituosos.

Diante da conquista dessa atleta, é importante refletir sobre a validação dos direitos civis e da sexualidade dos corpos que são ignorados e tidos como inferiores e subalternos, alheios às categorias fixas e normativas. Para muitos, taxados como corpos subversivos e subcategorias divergentes que requerem adequação e reparos (os negros, as mulheres, deficientes, transexuais, bissexuais, homossexuais, lésbicas etc.).

Desse modo, torna-se relevante compreender como são importantes as relações de gênero quando se elege discutir a participação e o trânsito de identidades de meninos e meninas, no esporte e na dança.

## **Possibilidades de uma prática corporal plural no esporte e na dança**

Pensar em práticas corporais fora dos modelos tradicionais é refletir sobre atividades que abarcam a corporalidade e o movi-

mento desvinculado das atividades que envolvem a sexualidade (PEREIRA; MOURÃO, 2005).

O esporte não tem sexo, não tem religião, não tem ideologia política; ele acolhe, abraça a todos com alegria e não discrimina ninguém. A sapatilha calça todos os pés, dá equilíbrio, elegância e dança com todos os ritmos. A chuteira atravessa continentes, é democrática, aceita todas as cores e está sempre aberta ao diálogo com diferentes corpos. Os impedimentos e as exclusões foram construídos e determinados pelos que têm medo e não aceitam outros(as) que têm o direito de ser diferente.

Posto isso, talvez um dos fios condutores das normas excludentes de gênero no esporte esteja apoiada na formação precária dos(as) professores(as) de Educação Física. Segundo Wenez, Schwengber e Dornelles (2017), é preciso colocar uma lupa na frágil produção acadêmica que debate as questões pertinentes a gênero na qualificação profissional dos(das) licenciados(as) em Educação Física e meio universitário na sua totalidade.

Somando-se a isso as discussões sobre a identidade de gênero, estas são incipientes e avançam com timidez e de maneira superficial e não encontram respaldo nas grades curriculares e na construção das carreiras acadêmicas dos(das) profissionais em formação inicial em Educação Física (DEVIDE *et al.*, 2016; NICOLINO, 2018).

Em consequência disso, as organizações que formam profissionais em Educação Física, tanto na Licenciatura ou no Bacharelado, não podem agir omitindo nem descumprindo as diretrizes educacionais que orientam a garantia dos direitos a todos os educandos de problematizar questões de gênero na formação acadêmica.

A formação profissional em Educação Física tem secundarizado, senão relegado às zonas de sombra, essa discussão. Tal posicionamento dificulta ou inviabiliza que área assumo o compromisso para o qual está sendo apontada por diferentes estudiosos, ou seja, como uma disciplina privilegiada para tratar das sexualidades na educação escola-

rizada. Para esse fim, novos estudos, debates e pesquisas sobre a questão são imprescindíveis para a qualificação da formação profissional em Educação Física. (ANDRES; JAEGER, 2016, p. 137-138).

Segundo Prado (2010), apesar de as leis darem sustento ao direito do debate sobre as questões de gênero e também da sexualidade na construção inicial e continuada da carreira, na formação dos(das) profissionais da Educação Física, essas discussões ainda provocam e geram aflições e desconfortos. Incomodam porque contradizem os discursos da medicina, da religião e das normas jurídicas que patrocinam o controle das práticas corporais, legitimando uma matriz heterossexual como fonte de verdades inquestionáveis (PRADO, 2017).

Atentos a esses aspectos, embora seja só de sua responsabilidade, os(as) profissionais da Educação Física devem estimular o debate com os(as) alunos(as) em relação ao trato com o esporte e a inserção de temas relacionados à sexualidade e à diversidade dos corpos em sua disciplina. De acordo com Prado e Ribeiro (2016), na Educação Física e no esporte, acentua-se a discriminação contra homossexuais e contra aqueles(as) que não possuem o estigma da virilidade. Os autores ressaltam que:

Frente a uma prática esportiva predominantemente associada ao universo masculino, a presença de um sujeito que não expresse a masculinidade padrão compartilhada por determinado grupo aciona mecanismos de marcação de diferenças sociais que tendem a rechaçá-lo e registrar seu não pertencimento a determinado contexto. (PRADO; RIBEIRO, 2016, p. 100).

É preciso tencionar os padrões reguladores e as normas instituídas que impedem os(as) diferentes sujeitos de transitarem pelas fronteiras (sexuais, de gênero, físicas, políticas e sociais), desafiando os paradigmas convencionados e postular a criação

de outros diferentes corpos não legitimáveis, imprevisíveis, fora dos protótipos do esporte e da sociedade e dar a eles viabilidade e reconhecimento de práticas corporais nas quadras, nas pistas de skate, nas academias, no surf, nos tatames, nas piscinas e nos campos de futebol (RICH, 1999).

Para Brito (2021), nesse embate de corpos que assumem o protagonismo na luta pela destruturação do modelo esportivo tido como falocêntrico, a participação de homens na modalidade de nado artístico, antes denominada balé aquático, abala e assinala um importante deslocamento.

Segundo Anjos, Gomes e Goellner (2019), é fundamental problematizar temas relativos à sexualidade e gênero que atravessam práticas corporais no esporte e na formação de professores de Educação Física, no sentido de desconstruir tratamentos desiguais e homofóbicos.

A problemática de gênero e sexualidade no meio esportivo precisa ter trânsito livre e vida longa para pesquisas e discussões no sentido de desestabilizar as compreensões de um mundo de controle e heterocentrado (CAMARGO, 2018).

Garantir que os meninos e meninas brinquem e joguem juntos permite que sejam coadjuvantes de suas ações, elemento indispensável para sua emancipação e conhecimento das questões relativas à diversidade de gênero. Portanto, espera-se que essas conquistas possam despertar neles a tolerância e o respeito recíproco, prevenindo-os de conflitos e manifestações homofóbicas, deixando bem claro que em qualquer tipo de atividade física os praticantes precisam ter a garantia de praticá-la com satisfação, com prazer e eximidos de coerções sexistas.

## Considerações finais

No momento em que se chega ao fim deste artigo, que teve como objetivo problematizar como as diferentes identidades de gênero que fogem do padrão heteronormativos transitam pelo es-

porte, acredita-se ter vislumbradas algumas verdades provisórias e controversas que excluem os corpos, tidos como desviantes, que precisam ser discutidas e explicitadas com profundidade.

A primeira delas é a falta de amparo aos corpos que se encontram em situação de vulnerabilidade social e que contrariam as normas binárias da sexualidade no esporte, na dança e também do contexto escolar e que tem que lutar isoladamente contra os preconceitos heteronormativos que são empregados contra si e seus pares. A segunda vem da intransigência das normativas do Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024), que inviabiliza as discussões sobre a abordagem de temas relacionados a gênero no esporte e no interior escola (BRASIL, 2014). A terceira é da férrea discriminação dos movimentos ligados à religião que defendem que o debate sobre gênero é contrário às famílias, antinaturais e representam uma ameaça ao conservadorismo e aos valores que fogem da heteronormatividade.

Olhados com indiferença em todos os lugares e espaços, com direitos contestados, os corpos considerados como desviantes buscam inclusão e pertencimento na família em movimentos sociais, associações para pessoas LGBTQIAP+ (Homossexuais, lésbicas transgêneros, bissexuais etc.).

Os resultados evidenciados através do levantamento bibliográfico efetivado nas bases de dados Periódicos da Capes e Google Acadêmico, com o propósito de fazer uma investigação para se verificar quais obras dialogam com o objeto de estudo, demonstraram que existem lacunas sobre essas discussões no trânsito das identidades no meio esportivo. Os achados foram de apenas sete obras que debatem a temática, sendo esse quantitativo aqui considerado insignificante, apesar de se constituir como um assunto com discussão muito recente no meio acadêmico.

Diante dessa dura realidade, pressupõe-se que seja necessário refletir sobre a possibilidade da implementação de uma educação plural pautada na diversidade, baseada no diálogo com múltiplas identidades, apartada da discriminação da cor da pele, de

valores sociais, de gênero e independente de concepções relativas ao sexo. O multiculturalismo não pode viver mais como forma de subversão, é preciso que haja políticas que deem pertencimento e reconhecimento a essas classes tidas como minoria.

Conclui-se ser o tema de estudo relevante e instigante, que merece ser discutido na família, na escola, nos clubes de serviços, na rua e na universidade. É perceptível através da revisão da literatura que os discursos históricos e conservadores que perpetuam e discutem práticas corporais moldadas para os homens e também para mulheres sinalizam timidamente que, aos poucos, estão perdendo forças e cedendo espaços para a participação de meninos no balé e meninas no futebol.

Percebe-se, atualmente, que doutrinas ideológicas como escola sem partido, ideologia de gênero e as cruzadas de pânico moral, que estabeleceram fronteiras proibindo as discussões sobre a temática de gênero no esporte, na dança e no meio educacional, já permitem quebras de trincheiras devido às resistências da diversidade e do direito de fala dos considerados desiguais.

O presente estudo sobre essa temática de gênero não pretende e não tem a pretensão de esgotar essa discussão, mas de suscitar o debate e provocar novos desdobramentos.

## Referências

AMORIM, M. A. Estereótipos de gênero e atitudes acerca da sexualidade em estudos sobre jovens brasileiros. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 3, p. 121-134, 1997. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v5n3/v5n3a10.pdf>. Acesso em: 8 out. 2021.

ANDRES, S. S.; JAEGER, A. A. O cinema e suas interfaces com gênero, sexualidade educação física. **Holos**, Natal, v. 1, n. 32, p. 124-141. 2016. <https://doi.org/10.15628/holos.2016.3686>. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/3686>. Acesso em: 07 out. 2021.

BENTO, A. Como fazer uma revisão da literatura: Considerações teóricas e práticas. **Revista JA (Associação Acadêmica da Universidade da Madeira)**, n. 65, ano VII, p. 42-44, 2012. Disponível em: <http://www3.uma.pt/bento/Repositorio/Revisaodaliteratura.pdf>. Acesso em: 5 out. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei no 13.005, 25 de junho de 2014**: aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. (PNE 2014 – 2024). Brasília, DF: Planalto, 25 jun. 2014. Disponível em: <https://pne.mec.gov.br/>. Acesso em: 12 jul. 2021.

BRITO, L. T. Da masculinidade hegemônica à masculinidade queer/cuir/kuir: disputas no esporte. **Revista estudos feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 2, p. e79307, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cNwyVKFqHbkqkr-b3kcbsvQc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 fev. 2023.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 3. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado**: Pedagogia da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 110-127. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30353576.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2023.

BUTLER, J. **Deshacer él género**. Buenos Aires: Paidós, 2004.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CAMARGO, W. X. O armário da sexualidade no mundo esportivo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 1-18, abr. 2018. <https://orcid.org/0000-0003-4110-647X>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/42816>. Acesso em: 1 out. 2021.

COLLING, L.; NOGUEIRA, G. Relacionados, mas diferentes: sobre os conceitos de homofobia, heterossexualidade compulsória e heteronormatividade. *In*: RODRIGUES, A.; DALLAPICULA, C.; FERREIRA, S. R. S. (orgs.). **Transposições**: lugares e fronteiras em sexualidade e educação. Vitória: EDUFES, 2015. p. 171-184.

COSTA, F. S.; SANTOS, A. M. Diferença e igualdade nas relações de gênero no esporte. **Holos**, Natal, v. 5, ano 34, p. 140-150, 2018. <https://doi.org/10.15628/holos.2018.7607>. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/7607>. Acesso em: 5 fev. 2023.

DEVIDE, F. P. *et al.* Estudos de gênero na educação física brasileira. **Motriz**, Rio Claro, v. 17, n. 1, p. 93-103, jan./mar. 2011. <http://dx.doi.org/10.5016/1980-6574.2011v17n1p93>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/motriz/a/vdH5QcysDZcqrTk4hNZsqYJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2021.

DEVIDE, F. P. *et al.* O discurso da licenciatura em educação física sobre as questões de gênero na formação profissional em educação física. **SALUSVITA**, Bauru, v. 35, n. 1, p. 67-83, 2016. Disponível em: [https://secure.unisagrado.edu.br/static/biblioteca/salusvita/salusvita\\_v35\\_n1\\_2016\\_art\\_05.pdf](https://secure.unisagrado.edu.br/static/biblioteca/salusvita/salusvita_v35_n1_2016_art_05.pdf). Acesso em: 15 out. 2020.

GARCIA, R. M.; PEREIRA, E. G. B. A trajetória pessoal de Tiffany Abreu no esporte de alto rendimento. **Movimento**, Porto Alegre, v. 25, e25032, 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/82941/52827>. Acesso em: 25 out. 2021.

GARCIA, R. M.; PEREIRA, E. G. B. Resignificações no Esporte através da performance de Tiffany Abreu. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação da Câmara dos Deputados**, Brasília, DF, v. 11, n. esp., p. 24-44, nov. 2018. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.82941>. Disponível em: <http://elegis.camara.leg.br/cefor/index.php/e-legis/article/view/482/480>. Acesso em: 4 out. 2021.

GOELLNER, S. V. Gênero, Educação Física e esportes. *In*: VOTRE, S. B. (org.). **Imaginário e representações sociais em Educação Física, esporte e lazer**. Rio de Janeiro: UGF, 2001. p. 215-227.

GOMES, W. C. O.; ANJOS, L. A.; GOELLNER, S. V. Futebol e homofobia: as percepções de um grupo de graduandos em Educação Física. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 42-57, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/21879>. Acesso em: 10 nov. 2021.

LIMA, E. S.; PESSOA, K. L.C. P. Os estudantes homoafetivos e suas relações de não aceitação nas aulas de educação física: uma revisão narrativa. **Educação Física e Esportes: pesquisa e práticas contemporâneas**. São Paulo: Científica, 2021. Cap. 3. 10.37885/210404229. Disponível em: <https://downloads.editora-cientifica.org/articles/210404229.pdf>. Acesso em: 9 out. 2021.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, G. L. (orgs.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 7-35.

MISKOLCI, R. Machos e *Brothers*: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas *on line*. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 301-324, jan./abr. 2013. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100016>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cz7GhMPdhsF8ss-8qLdtvQnm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 8 out. 2021.

NICOLINO, A. Gênero nos currículos da formação docente em Educação Física no Brasil. *In*: PARAÍSO, M. A.; CALDEIRA, M. C. S. (orgs.). **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza, 2018. p. 73-92.

PASSERO, J. G. *et al.* Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 26, e26060, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.100575>.

Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/100575>. Acesso em: 7 out. 2021.

PEREIRA, F. A. S. **Currículo, Educação Física e diversidade de gênero**. 2009. 198f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/10160/1/Fabio%20Alves%20dos%20Santos%20Pereira.pdf>. Acesso em: 20 set. 2021.

PEREIRA, S. A. M.; MOURÃO, L. Identificações de gênero: jogando e brincando em universos divididos. **Revista de Educação Física Motriz**, Rio Claro, v. 11, n. 3, p. 205-210, set./dez. 2005. Disponível em: [www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/11n3/14SIS.pdf](http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/11n3/14SIS.pdf). Acesso em: 6 out. 2021.

PRADO, V. M. Entre *queerpos* e discursos: normalização de condutas, homossexualidades e homofobia nas práticas escolares da Educação Física. **Práxis educativa (UEPG)**, Ponta Grossa, v. 12, n. 12, p. 501-519, 2017. <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.12i2.0012>. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/8809>. Acesso em: 28 jan. 2021.

PRADO, V. M. **Sexualidade(s) em cena**: as contribuições do discurso audiovisual para a problematização das diferenças no espaço escolar. 2010. 155f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/92261>. Acesso em: 13 out. 2021.

PRADO, V. M.; RIBEIRO, A. I. M. Escola, homossexualidades e homofobia: rememorando experiências na educação física escolar. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 97- 114, jan./abr. 2016. <https://doi.org/10.17058/rea.v24i1.7049>. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/%20reflex/article/view/7049>. Acesso em: 5 out. 2021.

PRECIADO, B. Quem defende a criança *queer*? Tradução: Fernanda Ferreira Marcondes Nogueira. **Jangada**: crítica, literatura, artes, Viçosa, MG, n. 16, p. 96-99, ago. 2013. Disponível em: <https://www.revistajangada.ufv.br/Jangada/article/view/17/2>. Acesso em: 5 out. 2021.

RICH, A. La heterossexualidade obligatoria y la existência lesbiana. *In*: NAVARRO, M.; STIMPSON, C. R. (ed.). **Sexualidad, género y roles sexuales**. México: Fondo de Cultura Económica, 1999. p. 159-211.

SEDGWICK, E. K. "How to Bring Your Kids Up Gay". *In*: **Fear of a Queer Planet: Queer Politics and Social Theory**. Ed: Warner. Minneapolis & London: University of Minnesota Press, 2007. p. 69-81.

SILVEIRA, R. **Esporte, homossexualidade e amizade**: estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino. 2008. 156f. Dissertação (Programa de pós-graduação em movimento humano) – Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-30281/esporte-homossexualidade-e-amizade--estudo-etnografico-sobre-o-associativismo-no-futsal-feminino>. Acesso em: 4 out. 2021.

SOUZA, A. B. **Cenas do masculino na dança**: representações de gênero e sexualidade. Ensinando modos de ser bailarino. 2007. 151f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, ULBRA, Canoas, 2007. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp117458.pdf>. Acesso em: 2 de out. 2021.

WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V.; DORNELLES, P. G. A(s) sexualidade(s) em pauta. *In*: DORNELLES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. (org.). **Educação Física e sexualidade: desafios educacionais**. Ijuí: Unijuí, 2017. p. 9-21.

WENETZ, I.; MACEDO, C. G. Masculinidade(s) no balé: gênero e sexualidade na infância. **Movimento**, Porto Alegre, v. 25, p. 25081, jan./dez. 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/90474>. Acesso em: 1 out. 2021.

## Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.